



Presidente da CIC Caxias destaca importância da diversificação econômica

Painelista do evento do Mapa Econômico do RS apontou como desafios a atratividade e a retenção de talentos



Ana Stobbe, de Veranópolis
ana.stobbe@jcrs.com.br

A reforma tributária já está em curso. Inclusive, avizinha-se sua total implementação, com a substituição dos atuais impostos estaduais sobre bens e serviços - o ICMS - por um tributo federal, o IBS, cuja distribuição aos municípios se dará com base no consumo. Nesse sentido, o presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC) de Caxias do Sul, Ubiratã Rezler, considera a promoção da diversificação da matriz produtiva como um possível trunfo da Serra Gaúcha na preparação para a nova legislação.

O dirigente foi um dos painelistas do evento do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, promovido pelo Jornal do Comércio,

nesta terça-feira, em Veranópolis. “É preciso fazer com que a matriz produtiva possa ser mais plural, ter outras oportunidades para que o PIB (Produto Interno Bruto) possa subir e haja um ecossistema transformador”, avaliou.

Rezler ainda destacou a inovação como uma necessidade que está sendo desenvolvida internamente nas empresas, mas cuja disseminação generalizada ainda não ocorreu. “Acaba tendo uma letargia para trabalhar uma inovação para o contexto todo”, destacou, reconhecendo os esforços realizados pelas universidades e seus respectivos parques científicos e tecnológicos em prol do tema.

Entretanto, o painelista ponderou diversos desafios a serem enfrentados para fazer com que a economia regional de fato seja alavancada. Entre eles, destaca-se a atração e a retenção de talentos.

“O desafio não é só atrair pessoas. Mas fazer com que elas fiquem. Temos um grande concorrente hoje (para a mão de obra),



TÂNIA MEINERZ/JC

Ubiratã Rezler aposta no fortalecimento do associativismo e na integração regional

que é o assistencialismo. Esse é um grande fator para a ausência de pessoas para trabalhar, seja no setor que for”, analisou Rezler.

Voltando-se à sua área de atuação, a indústria, onde também está concentrada uma grande fatia do PIB regional, ele propôs uma solução. Conforme o presidente da CIC Caxias, é necessário gerar interesse na juventude para que atuem no setor, desmistificando visões que podem repeli-los do ambiente laboral. O mesmo, destaca o dirigente, deveria ser feito em outros segmentos econômicos.

Rezler comparou os índices do RS com os de Santa Catarina, destacando a intensa migração de gaúchos ao estado vizinho, mirando o mercado de trabalho.

“Não é só por causa da praia, é por

conta da infraestrutura. E por diversas dificuldades que temos aqui. A de refazermos uma rodovia dois anos após uma enchente, a de fazermos investimentos, o excesso de regramentos que temos aqui, entre outros”, constatou.

Para mudar o cenário, Rezler aposta no fortalecimento do associativismo. E, além disso, na integração regional. “Quando olhamos Caxias do Sul, parece autossuficiente, mas estamos distantes disso. Porque uma cidade, sozinha, não faz nada”, pontuou.

O painelista concluiu destacando a pujança regional. “Somos responsáveis por várias famílias que trabalham conosco. E o senso de responsabilidade faz com que a gente não saia do empreendedorismo”, finalizou.

Para presidente da Movergs, logística é entrave ao desenvolvimento da Serra Gaúcha

As enchentes de maio de 2024 ainda ressoam na Serra Gaúcha, por meio de obras de reconstrução de estradas ainda não finalizadas. A isso, somam-se problemas logísticos anteriores à catástrofe climática. É por isso que o presidente da Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (Movergs), Vitor Agostini, considera a questão como

um dos principais entraves ao desenvolvimento econômico da Serra.

“Se compararmos o Rio Grande do Sul com uma bota, nós (da Serra) somos a sola. Tudo que tem que trazer de matéria-prima é um grande desafio”, destacou o executivo nesta terça-feira, durante evento do Mapa Econômico do RS em Veranópolis, do qual participou como painelista.



TÂNIA MEINERZ/JC

Vitor Agostini diz que enchentes de 2024 aumentaram os problemas logísticos da região

Para o dirigente, uma alternativa viável seria a das ferrovias, cuja malha foi considerada por ele como “sucateada”. “Poderíamos nos beneficiar muito se pudessemos trazer comida, chapas, aço, etc., de trem. Trariamos tudo a um custo logístico menor e bem mais rápido”, considerou.

Outro entrave apontado por ele diz respeito ao contexto macroeconômico: o endividamento da população, a partir de empréstimos e jogos de aposta - as famosas “bets”. “Precisamos de uma política de financiamento para o consumo de móveis com juros acessíveis. Hoje, além dos juros serem muito altos, temos um problema gigante de inadimplência”, avaliou.

Para Agostini, o ano será repleto de outras questões que deverão ser enfrentadas. Entre elas, a preocupação com um período eleitoral que se avizinha e a implementação da reforma tributária, que caminha a passos largos.

Entretanto, ele também pontuou oportunidades de desenvolvimento regional. Especialmente, as ligadas à tecnologia e à inovação.

“No nosso setor, falamos muito em tecnologia e em inovação. Precisamos investir em máquinas. Temos que buscar melhores financiamentos. É necessário termos sistemas e processos que agi-

lizem as operações das indústrias. Para que possamos produzir melhor, com mais qualidade, e chegarmos mais competitivos no mercado”, defendeu o líder da Movergs.

Outro ponto de atenção é o acordo entre o Mercosul e a União Europeia, que será aplicado provisoriamente a partir do dia 1º de maio e é visto com bons olhos por Agostini, que considera que a decisão facilitará a compra de maquinários do outro lado do Atlântico e abrirá novas portas ao Estado.

“É difícil entrar no mercado europeu, mas tem muita oportunidade para o setor moveleiro”, destacou.

O posicionamento trouxe uma divergência com o painelista Ubiratã Rezler, que preside a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC) de Caxias do Sul. Na sua visão, há setores que, diferentemente do moveleiro, terão dificuldades com a aproximação dos blocos econômicos, como o de hortifrutigranjeiros e o de vinhos.

Agostini, entretanto, manteve as esperanças, destacando o potencial de crescimento da Serra em suas considerações finais. “É um mar de oportunidades, precisamos colocar as pessoas certas nos lugares certos”, concluiu.